

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Jornalismo

Um panorama do rap nacional: de sua origem a 2017

Disciplina: Cenários da Cultura Popular

Professor: Diogo de Hollanda

Carolina de Lima Abrantes
Carolina L. C. Gonçalves

Um panorama do rap nacional: de sua origem a 2017

Rhythm and Poetry, mais conhecido como RAP, ou melhor, ritmo e poesia – em português, chegou ao Brasil no final dos anos 80. Mas antes de falar desse estilo musical, é necessário analisar a origem dele: a cultura do Hip Hop, da qual o rap derivou, surgiu no país no começo dos anos 80. Esse estilo que tem em sua cultura o grafite e a dança break veio para cá um pouco depois do seu surgimento nos Estados Unidos, e tomou as ruas de São Paulo. Inicialmente na Rua 24 de Maio, no Centro, onde as equipes que faziam bailes soul vendiam discos e revistas nas galerias dali, mas quando os dançarinos de break deram as facetas, foram logo expulsos pelos comerciantes e policiais da região. Assim, a estação de metrô da São Bento foi palco inicial desse movimento do Hip Hop. Logo em seguida, com o grande crescimento de rappers houve uma cisão entre eles. E no final dos anos 80, o Rap se tornava a facção mais forte e atuante do Hip Hop paulistano.

Estilo musical de origem negra - jamaicana, o rap no Brasil está historicamente associado às favelas e periferias e é composto por falas ritmadas e depoimentos, além de beatbox (som produzido pelos rappers usando pela voz, boca e nariz) e alguns instrumentos musicais. O primeiro registro existente dessa cultura por aqui é a coletânea “Hip Hop Cultura de Rua”, de 1988, que trouxe faixas de grupos conhecidos da época, como MC Jack, Código 13, Thaíde e DJ Hum. No mesmo ano, a coletânea “Consciência Black” da qual participou o grupo “Racionais MCs” - um dos principais do país. Em suas duas músicas incluídas na coletânea, “Pânico na Zona Sul” e “Tempos Difíceis”, os integrantes do grupo, Ice Blue, Mano Brown, Edy Rock e DJ K Jay deram sua visão da vida de um negro pobre que mora na periferia paulistana, perdido entre o crime e a injustiça social.

*“Eu não sei se eles
Estão ou não autorizados
De decidir que é certo ou errado
Inocente ou culpado retrato falado
Não existe mais justiça ou estou enganado?
Se eu fosse citar o nome de todos que se foram
O meu tempo não daria pra falar MAIS...
Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo
E então que segurança se tem em tal situação
Quanto terão que sofrer pra se tomar providência
Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência
E com certeza ignorar a procedência
O sensacionalismo pra eles é o máximo
Acabar com delinquentes eles acham ótimo
Desde que nenhum parente ou então é lógico
Seus próprios filhos sejam os próximos
É por isso que
Nós estamos aqui”*

- Trecho da música “Pânico na Zona Sul”, Racionais MCs

Dois anos depois, em 1990, Racionais MCs lançava seu primeiro disco solo, sem saber ainda que iam se tornar os mais conhecidos do rap brasileiro até a atualidade. Em suas letras, o grupo sempre apresenta as dificuldades encaradas por um negro de classe baixa, que denuncia o racismo e a miséria sofrida na periferia de São Paulo. O primeiro álbum dos Racionais os tornou envolvidos em campanhas de conscientização da juventude e os aproximou desse público. A década de 90 foi o ‘boom’ do rap brasileiro que ganhou as rádios. E além dos Racionais MCs, outros rappers iniciaram sua trajetória de sucesso, como Pavilhão 9, Detentos do Rap, Planet Hemp e Gabriel, O Pensador.

Diferente da maioria dos rappers, Gabriel, O Pensador era de outro padrão social: adolescente branco e de classe média alta. Ele estourou no final de 92 com a música “Tô Feliz, Matei o Presidente” - direcionada ao então presidente Fernando Collor, que havia acabado de renunciar ao cargo em meio a um processo de Impeachment. Em suas letras, Gabriel busca criticar e levantar debate quanto aos costumes da juventude carioca.

*“O que eu vejo na TV?
Primeira dama chorando perguntando (Por quê?)
Ah! Dona Rosane dá um tempo num enche num fode
Não é de hoje que seu choro não convence
Mas se você quer saber porque eu matei o Fernandinho
Presta atenção sua puta escuta direitinho
Ele ganhou a eleição e se esqueceu do povão
E uma coisa que eu não admito é traição
Prometeu, prometeu, prometeu e não cumpriu
Então eu fuzilei, vá pra puta que o pariu”*

- Trecho da música “Tô Feliz, Matei o Presidente”, Gabriel, O Pensador

Ainda na década de 90, outros grupos de expressão também foram formados, como Facção Central e 509-E. Com letras sobre tráfico, assaltos, sequestros e assassinatos, algo “mais pesado” se comparado ao rap que já era feito na época. O grupo teve músicas censuradas e proibidas em rádios e televisão, mas ainda assim, continuaram compondo e impactando a quem os escutava. Já o grupo 509-E, formado por Dexter e Afro-X enquanto estavam presos traz em suas letras a vida como presidiários. Paralelamente, o rap se expandiu para outras partes do Brasil, surgindo grupos como: Câmbio Negro e o GOG de Brasília, o Faces do Subúrbio e o Sistema X de Recife, Da Guedz e Piá de Porto Alegre e Black Soul de Belo Horizonte. Com quase 20 anos do estilo no país, o número de rappers foi aumentando e ganhando visibilidade.

No final dos anos 90, o sucesso dos Racionais MCs foi uma vitrine para a ascensão do rap brasileiro. As gravadoras passaram a contratar mais artistas do gênero, só que mesmo com a pulverização do estilo, São Paulo continuou sendo o foco das produtoras. Um momento que marcou a história do rap por aqui foi em 1998, quando o Racionais MCs lançaram o disco “Sobrevivendo ao Inferno” - que vendeu mais de 1 milhão de cópias. Uma das músicas - “Diário de um Detento” - ultrapassou as barreiras da periferia paulistana e alcançou grupos sociais diversos, como a juventude branca de classe média. Apesar do grande sucesso, os integrantes do grupo adotaram uma postura antimídia, não falavam e não davam entrevistas para os veículos de comunicação, postura essa que permanece a mesma até hoje.

A partir dos anos 2000, outros nomes de expressão no rap foram surgindo e trazendo diferentes pontos de vistas nas letras, como Sabotage e Criolo Doido. O gosto pela música veio desde pequeno para os dois. Ainda jovem, Sabotage se envolveu com o tráfico de drogas e outros crimes, ele passou a maior parte da sua adolescência na antiga Fundação Casa, conhecida como Febem. Sabotage lançou seu primeiro e único álbum em 2000, “Rap é Compromisso”. Dois anos depois recebeu o prêmio Hutúz na categoria revelação, maior premiação de hip-hop da América Latina, e em 2003 foi assassinado. Nesta mesma época não eram apenas os novatos que faziam sucesso. Em 2002 os Racionais MCs estouraram com o disco duplo “Nada como um dia após o outro”, entre os maiores sucessos estão: “Vida Loka I”, “Vida Loka II”, “Negro Drama” e “Jesus Chorou”.

Já o paulista Criolo, que começou a cantar em 1989, viu seu nome tornar-se nacionalmente conhecido apenas no início dos anos 2000. Desde então, ele ajudou outros rappers a conquistarem seu espaço. Seu primeiro disco, “Ainda há tempo”, foi lançado em 2006. Criolo também foi o fundador do Rinha de MC's – evento que promove batalhas de rap, shows, exposições de grafite e fotografia. Graças a esse

evento de batalha, Emicida e Projota puderam ganhar visibilidade no estilo musical. O primeiro tornou-se conhecido por suas rimas de improviso, venceu 12 vezes a Rinha de MCs. Enquanto Projota ganhou sua primeira batalha de MCs em 2006 e também venceu por 3 vezes a Rinha de MC's. Entre 2006 e 2008 lançou algumas músicas e trilhou seu caminho para o reconhecimento. No mesmo ano que o Projota lançou o videoclipe do hit "Acabou", em 2008, Emicida iniciava seu sucesso com o single "Triunfo", que vendeu 700 cópias em um mês.

De lá para cá o sucesso dos dois MCs só cresceu. Ambos já produziram 8 discos com singles tocando nas rádios do Brasil todo e diversos shows por mês. Para se fixarem no rap, cada um deixou sua marca com um bordão. Emicida é conhecido por sempre utilizar a frase "A rua é noiz" que faz jus às suas músicas e críticas. Já o Projota utiliza o bordão "Foco, Força e Fé", afirmação que sempre faz em suas letras, mostrando que só assim chegou onde está hoje. Sem perder a essência do hip hop nacional, a nova geração composta por Criolo, Projota, Emicida, Rashid, Rael da Rima, Flora Matos e outros inseriu no rap a sua própria personalidade. Por exemplo, nas músicas do Criolo é possível ver a mistura do rap com samba, afrobeat, funk, hip hop e brega. As parcerias que os rappers acabam fazendo também influenciam no estilo da canção. Às vezes a música é uma crítica da postura da sociedade e um incentivo para ter força de vontade, como no som entre Emicida e Rael da Rima "Levanta e Anda". Às vezes uma letra mais romantizada como os recentes lançamentos do Projota sobre uma mulher parceira e ideal, que pode ser notada em "Linda", uma parceria com a cantora Anavitória e na canção "Oh Meu Deus".

"Oh! meu Deus

*Como eu vou falar pra ela
Que agora é só ela que eu quero
Se todos que já foram dela
Não foram assim tão sinceros*

*Se ela der a volta no mundo de bike
Irmão, eu pego minha bike
Vou pro outro lado
Encontro com ela no Japão*

*Ela é tão louca, louca, louca
Que a Shakira ficou louca
Como pode ficar gata
Até de moletom e touca*

*Amor, me dá um filho
Sabe o que eu vou fazer?
Vou ensinar ele a crescer
Encontrar uma igual você"*

- Trecho da música "Oh Meu Deus", Projota

Atualmente o rap está incorporado no cenário musical brasileiro e conquistou seu espaço. Venceu preconceitos e saiu da periferia para ganhar todos os públicos. Com essa mudança, que é sair da periferia e fazer parte de outras classes sociais, o rap se moldou e aderiu às novas demandas da sociedade. De 2010 para cá, novos rappers ganharam visibilidade. Brancos de classe média que cantam não mais sobre o preto pobre da favela. Hungria Hip Hop, Haikaiss, Costa Gold, Oriente, 3030 e Família Mada são os a nova era do rap brasileiro e considerados "rap de playboy".



Racionais MC's



509-E



Facção Central



Emicida



Projota



Criolo



Haikaiss



Hungria Hip Hop



3030



Costa Gold

O motivo de serem considerados “rap de playboy” e se autodenominarem da ‘New Golden Era do rap’ está principalmente na sua classe e etnia e em suas músicas. Isso por suas letras não serem mais destinadas as dificuldades da periferia e sim abordarem outros assuntos, como sexo, carro, maconha, amizade e outros problemas que a juventude branca lida. Esse rap que é bem diferente dos citados anteriormente vem crescendo cada vez mais e são tocados nas rádios de todo o país, uma diferença enorme dos raps dos anos 80 – não são divulgados e nem tocados em rádios ou televisão. A crítica às injustiças da

sociedade que estão nas letras dos rap dos anos 80 é algo considerado “pesado” para a população escutar, e assim se torna menos divulgados. O estilo da última geração do rap que atinge as rádios se torna mais “leve”, por não tratar de assuntos tão problematizados, e isso é notório nas letras destes, como por exemplo do grupo Haikaiss. O quarteto da zona norte de São Paulo composto pelos MCs SPVic, Spinardi, Pedro Qualy e o DJ Sleep, já tem mais de 70 músicas lançadas e ganharam grande repercussão nos últimos tempos.

*“Sem neurose, e sem stress
Até que fecha não eu não vazo ela deixa nítido o teste
Então desce outra meu mano, que aquela já tá no meu pano
É difícil chegar? difícil é fazer freestyle em koreano
Me canso, papo profano em cada canto do lar
Embreagado e acompanhado me vejo fora do bar
Se te falta a camisinha cê até pensa em recusar
Mas não com ela excitada te implorando pra sentar
Diz se não é, Um gole: meus planos
Dois goles: insanos, Três goles: seus danos
Te engolem os porres que correm entre os anos
Há tempos que testam minha fé
Mas eu to de pé, tô pique ralé
Tentamos, fluamos, sem muvuca, filha da puta
Eu vô tipo soco no baço no espaço segue a conduta
Escuta, sem disputa, chuta pra fora fofoca interna
Cafajeste um brinde, e que abram-se as pernas!”*

- Trecho da música “Filosofia do Boteco”, Haikaiss.

Outro rapper nacionalmente conhecido por seus hits é o brasileiro Gustavo da Hungria, popular por seu nome artístico Hungria Hip Hop está fazendo sucesso pelo país com suas músicas. Atualmente as letras são sobre a vida suburbana, anteriormente sobre ostentação a carros e luxo. Agora, em carreira solo, Hungria lançou recentemente o novo single chamado “Coração de Aço”, que atualmente conta com mais de 75 milhões de visualizações no YouTube. Mesmo sendo muito criticado por outros rappers, esse novo modelo do rap nacional já ganhou muito espaço dentre o público e se tornou até mais conhecido do que outros rappers que fazem crítica mais “pesada” da sociedade.

*“Será que foi decepção que fez ela virar do avesso
Coração de aço é bem mais forte que o de gesso
E já nem pensa em dormir, vive o presente que é real
Rotina é feita pra quem quer repetir filme no final*

*Outro rap, outro beck, outro beijo
Outros lábios pra poder provar
Uma cama com bem mais desejo
Outro mundo pra poder sonhar”*

- Trecho da música “Coração de Aço”, Hungria Hip Hop

O fato é que mesmo esse novo rap em ascensão e constante crescimento, Racionais MCs formado na década de 80 ainda é o grupo mais conhecido e escutado no estado de São Paulo. O último single do grupo lançado em 2016, “Um Preto Zica”, com quase 12 mil visualizações no Youtube deixa claro que o sucesso não parou. Um dos grupos de rap mais influentes do Brasil, Racionais MCs é conhecido por 90% dos entrevistados que participaram da pesquisa sobre Rap Nacional realizada em novembro de 2017 pelas alunas de jornalismo Carolina Abrantes e Carolina Gonçalves.

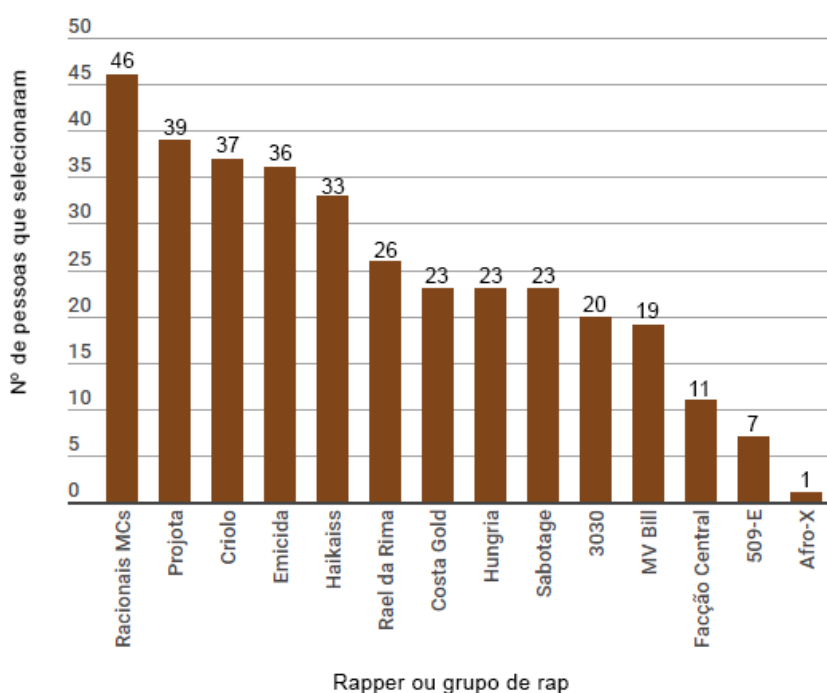
Quais desses rappers ou grupo de rap você conhece?

165 de 165 pessoas responderam esta pergunta



A pesquisa foi feita com 165 pessoas entre menos de 18 anos e mais de 50 anos que moram no estado de São Paulo. Dentre os entrevistados, mais que a metade, 56%, responderam que costumam ouvir rap frequentemente. Para entender melhor os resultados da pesquisa, a análise a seguir foi segmentada e baseada apenas nos dados correspondentes a faixa etária de 18 a 24 anos. Segundo os dados, 101 pessoas entre essa idade responderam, e destes, 68 afirmaram que costumam ouvir rap. Pode-se concluir então, que Racionais MCs além de ser o grupo mais conhecido é também o grupo mais escutado mesmo depois de tanto tempo existindo. Para isso, foi necessário perguntar aos entrevistados quais os grupos de rap eles mais escutavam (na pesquisa podia escolher vários rappers ou grupo de rap). Assim, as respostas obtidas foram que em primeiro lugar dos mais escutados está o grupo Racionais MCs (46 pessoas de 68 que costumam ouvir rap selecionaram esse grupo), seguido de Projota (39 pessoas selecionaram), Criolo (37 pessoas), Emicida (36 pessoas) e Haikaiss (33 pessoas), respectivamente. Lembrando que as pessoas podiam selecionar mais de um grupo, ou seja, uma pessoa respondeu que entre os grupos que mais costuma escutar está Racionais MCs, Emicida, Sabotage e 509-E, por exemplo.

Rappers e grupos mais escutados (faixa etária 18 a 24 anos)



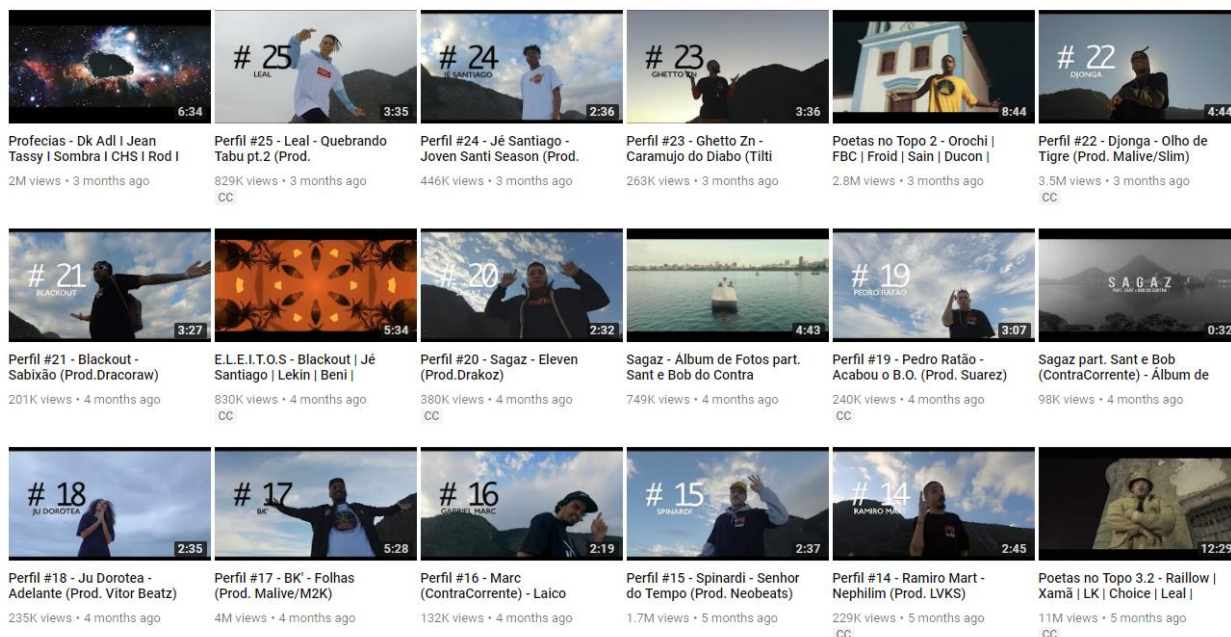
Nota-se que os grupos de rap que surgiram junto com Racionais MCs no final dos anos 80, como Facção Central e 509-E perderam espaço hoje em dia. E a nova geração (Projota, Emicida, Criolo) e os considerados “rap de playboy” (Haikaiss, Hungria, Costa Gold) estão cada vez mais ganhando espaço no rap e fazendo sucesso.

Outra consideração importante levantar é que nos últimos anos não foi apenas o “rap de playboy” que surgiu. Rappers que trazem em suas letras as dificuldades enfrentadas na favela pelo negro pobre continuam aparecendo, a diferença é que a mídia não divulga e nem dá espaço para eles. Bk, Choice, MC Funkero, Nego Max, Froid, Djonga e Rincon Sapiência são grandes revelações do rap nacional, mas que não ganham tanta visibilidade por suas músicas serem crítica a sociedade. Na maioria das letras, eles cantam sobre a pobreza na periferia, a entrada no crime, a polícia que mata e o preconceito sofrido.

*“Um boy branco, me pediu high five
Confundi com um Heil, Hitler
Quem tem minha cor é ladrão
Quem tem a cor de Eric Clapton é cleptomaniaco
Na hora do julgamento, Deus é preto e brasileiro
E pra salvar o país, Cristo é um ex-militar
Que acha que mulher reunida é puteiro
Machista tá osso, e até eu que sou cachorro não consigo mais roer
E esse castelo vai ruir, e eles são fracos vão chorar até se não doer
Não queremos ser o futuro, somos o presente
Na chamada a professora diz: Pantera Negra
Eu respondo: Presente
Morreu mais um no seu bairro, e você preocupado com a buceta branca
Gritando com a preta: Sou eu quem te banca!
Assustando ela, sou eu quem te espanca!
Mais que um beck bom
Profissão nenhuma exige que analise pernas
Sustentar família exige que tu faça planos
Dizem que sou frio, duro como uma pedra
Rasgam fácil, parecem feitos de pano
Tô olhando da janela, sociedade escrota”*

- Trecho da música “Olho de Tigre”, Djonga

Todos com uma pegada de rap com hip hop trazem em suas músicas o manifesto real do ambiente em que vivem, e graças à internet podem levar as canções à população. O Youtube possibilitou, que mesmo sem a ajuda das rádios e televisões brasileiras, suas músicas possam ser escutadas por quem quiser. O canal “Pineapple StormTV” é uma das grandes bases para destacar artistas do rap nacional. Postando um ou mais vídeos todas as semanas, o canal dá visibilidade, além de fazer a parceria de rappers para lançarem músicas em conjunto, como por exemplo “Poetas no Topo”, cantada por Sant, Menestrel, JXNV\$, Djonga, Bk e Makalister. Outra proposta que o canal trouxe recentemente foi convidar os rappers para fazer uma música sobre si, intitulada como “perfil”. E até hoje já são 42 perfis de rappers postados no canal do Youtube. Os rappers Djonga e BK foram um dos que mais fizeram sucesso com essa iniciativa da Pineapple StormTV. O Perfil #22 do artista Djonga com a música “Olho de Tigre” tem mais de 3 mil visualizações e o Perfil #17 do rapper BK com a música “Folhas” ultrapassou de 4 mil visualizações.



Mesmo vencendo preconceitos diariamente, o rap no Brasil ainda tem muitas barreiras para enfrentar. Diferente do Sertanejo, Eletrônica ou Samba, ouvir música que retrata e crítica à sociedade é uma barreira para a grande maioria dos brasileiros. Encarar a realidade do Brasil hoje, com negros e pardos compondo a população pobre do país e inseridos – a grande maioria – em favelas e comunidades do estado ainda é difícil. 76% dos mais pobres são negros, conforme dados de 2014 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A luta não está só nas músicas dos rappers e sua visibilidade na mídia, e sim uma luta diária contra o preconceito, contra o crime, contra a pobreza e tudo que eles colocam para fora quando rimam.

As minas no RAP:

Apesar de as raízes do rap brasileiro serem estritamente ligadas a nomes masculinos, um movimento que vem crescendo e ganhando visibilidade no país é a presença de mulheres rappers conquistando seu espaço e fazendo cada vez mais sucesso.

Um dos nomes que vem sendo cada vez mais citado dentro desse estilo musical é o de Brisa Flow, a mineira e filha de chilenos que fugiram da ditadura em seu país. Com letras marcantes, Brisa canta sobre sua indignação com a posição da mulher na sociedade de padrões machistas, denunciando o problema.

Outra rapper que ganhou destaque é a recifense Livia Cruz, uma das precursoras, ela começou a compor aos 14 anos, quando participava de um grupo de rap em sua cidade, mais tarde quando decidiu seguir carreira na música, ela passou a fazer parte do coletivo Brutal Crew, sua primeira música "Viúva Rainha", lhe rendeu, em 2003, uma indicação ao Prêmio Hutuz, maior premiação de hip-hop da América Latina. Em março de 2017, Livia Cruz lançou a música "Tamo transando de fato", com seu ex-namorado, Djonga, também rapper, o que trouxe mais visibilidade para ela nesse meio.

Assim como em outros estilos musicais, muitas letras de rap são carregadas de um tom de objetificação das mulheres, é que para combater isso elas estão cada vez mais tomando os microfones e usando sua voz. Uma de mais notoriedade atualmente é a curitibana Karol Conka, ela começou a rimar em um concurso escolar e se tornou nacionalmente conhecida após uma parceria na música "Não Falem" do rapper Projota. Do seu sucesso pra cá, a rapper busca sempre exaltar a força da mulher na sociedade. E assim como a Livia Cruz, Karol também canta músicas de cunho sexual mostrando que não é só homem que tem

propriedade para falar sobre o assunto. Recentemente, lançou a música “Lalá”, em junho de 2017, que deixa bem claro sua postura.

*“Ele disse por aí que era o tal
Pega geral e apavora
Seduzi pra conferir
E percebi que era da boca pra fora*

*Dá pra perceber, existem vários
Falam demais, fingem que faz
Chega a ser hilário
Mal sabe a diferença de um clitóris pra um ovário
Dedilham ao contrário
Egoístas criando um orgasmo imaginário”*

- Trecho da música “Lalá”, Karol Conka